

MULTILETRAMENTOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ivan Vale de Sousa
ivan.valle.de.sousa@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0041066401336527>

RESUMO

Com o advento das tecnologias e da internet, as formas de ensinar e aprender vem aos poucos passando por mudanças. Este artigo tem por objetivo propor uma discussão reflexiva sobre a pedagogia dos multiletramentos nas práticas docentes, como também evidenciar a função que o professor, sobretudo, de língua materna assume nessa proposta. Esta proposta se caracteriza metodologicamente bibliográfica, traz as contribuições teórico-reflexivas de Morin (2011), Mamede-Neves e Ribeiro (2012), Rojo (2012) entre outros estudiosos que evidenciam a importância dos multiletramentos nas práticas pedagógicas. Com este trabalho, espera-se que os professores possam encontrar um espaço para a pedagogia em questão, além de possibilitar aos alunos a ampliação nas formas de aprender.

Palavras-chave: Tecnologias; multiletramentos; práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A sala de aula constitui-se como espaço diverso de culturas, costumes e necessidades de aprendizagem. Para contemplar tais demandas, o professor precisa planejar e reestruturar diferentes estratégias metodológicas que vão ao encontro das especificidades educativas dos aprendentes, tornando as práticas de letramento acessíveis e necessárias a partir dos recursos tecnológicos e da interatividade transformando-as em ações de multiletramentos.

O conceito de tecnologia, geralmente, está associado à conectividade, entretanto, a sala de aula já vivencia há muito tempo as mudanças nas formas de ensinar e aprender. Do livro didático impresso à lousa digital, percebemos a existência de parâmetros que precisam ser reavaliados, pois de nada adianta equipar a escola com os mais inovadores aparatos tecnológicos e digitais se não há uma mudança de concepção, prática e aceitação por parte do professor.

Boa parte das escolas está repleta de estudantes nativos digitais que manuseiam com total liberdade e desenvoltura os recursos digitais, por isso, há a necessidade de encontrar um meio harmoniosamente de suas utilizações, que contribuirá de certa forma

com o processo de ensino e aprendizagem. Assevera-se com isso, que tais aparatos tecnológico-digitais não devem ser compreendidos como algo contrário ao desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, tampouco, representar a única forma de trabalho docente.

Destarte, as práticas pedagógicas precisam estar embasadas em um processo formativo que ultrapasse as discussões teóricas, conjugando-se em atitudes de aprendizado a partir do manuseio da tecnologia, apontando e ampliando as possibilidades de utilização dessa ferramenta nas ações de professores em formação inicial e continuada, despertando-lhes para um processo de aprendizagem que se constrói de forma colaborativa e interativa entre mestres e aprendizes.

A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS E AS PRÁTICAS DOCENTES

As discussões sobre a funcionalidade das tecnologias no ambiente escolar como ferramentas de acessibilidade ao conhecimento pela diversidade discente nesse contexto têm sido cada vez mais profícuas. O fato é que a sociedade está em constantes mudanças e a escola precisa acompanhar tais transformações de forma que suas práticas sejam significativas e necessárias aos esses dois agentes: ensinantes e aprendentes.

A mudança nem sempre é uma ação fácil de ser vivenciada, é antes de tudo, um despertar de atitudes e readaptações de conceitos e práticas reflexivas do conhecimento imbuído de um processo efervescente de transformações.

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2011, p. 43)

A educação do amanhã precisa fincar raízes nas ações praticadas no agora e seus resultados certamente notar-se-ão em longo prazo. Os multiletramentos, por exemplo, não são propostas novas como muitos acreditam, mas maneiras diferentes de interação com os bens tecnológicos e culturais disponíveis que a sociedade vai se relacionando e, com isso, ampliar as atitudes no fazer pedagógico. Assim, a ótica do multiletrar na sociedade contemporânea não tem por função colocar a função do professor como segundo plano, este ainda ocupa e sempre ocupará lugar de destaque no

desenvolvimento de competências, aumentando com isso, a responsabilidade docente como agente transformador de realidades e mediador do saber.

É importante compreender o ser humano na sua essência, conforme o autor supracitado, com seus anseios, limitações e como principal agente de transformação da realidade que o cerca. Isso permite que as diferentes culturas se inter-relacionem com as mudanças que são inerentes ao homem e por isso não cabe apenas à escola ensinar, mas “educar para este pensamento”, isto é, para a “educação do futuro, que deve trabalhar, na era planetária, para identidade e a consciência terrenas” (Ibid., 2011, p. 56).

Mediante ao que se prega como educação do futuro, encontram-se as redes sociais e o caráter ideológico que elas assumem na forma de comunicação e relacionamento do homem com seus semelhantes, sobretudo, no processo de educação linguística, porém elas não podem apenas ser vistas a partir da ótica negativa, pois são “um fenômeno que na atualidade têm mostrado seu valor, pela capacidade que apresentam aos seus usuários em transmitir notícias, opiniões, conclamar movimentos políticos, serem espaços de trocas e interações” (MAMEDE-NEVES; RIBEIRO, 2012, p. 241).

O fato é que a todo instante há uma novidade, principalmente, no que se refere ao acesso tecnológico-digital e nem sempre a escola se percebe como espaço trocas, mudanças ou readaptações da sua função social. À instituição escolar, cabe, portanto, compreender e ensinar todas as linguagens, não só ensinar aos estudantes a se questionarem, mas encontrar respostas as suas indagações, aos seus anseios e medos.

Nessa perspectiva, alguns questionamentos suscitam as funções da escola, tais como: como inserir a pedagogia dos multiletramentos nas suas práticas? O que a escola entende por essa pedagogia? Ela precisa se aproximar ou se distanciar da realidade que circunda a comunidade aprendente? As redes sociais representam o que de fato às escolas? Por meio delas é possível evidenciar a pedagogia dos multiletramentos nas práticas docentes? As redes sociais são funcionais no processo interativo e de compartilhamento de conhecimento? Os elementos característicos dessas redes podem contribuir com as aprendizagens? E com a formação de professores? A escola deve se mostrar alheia a essas mudanças ou readaptar suas práticas? Como?

Os questionamentos evidenciados têm a intencionalidade de possibilitar aos agentes (gestão, professores e alunos) a reflexão sobre a funcionalidade que os recursos tecnológico-digitais mutáveis cumprem no aprendizado, desde que haja um planejamento capaz de propor a esses atores refletirem as múltiplas maneiras de acesso ao conhecimento, respeitando o ritmo e a individualidade heterogênea escolar.

A professora Roxane Helena Rodrigues Rojo, corrobora com esta reflexão, enfatizando que tanto os letramentos (múltiplos), quanto os multiletramentos são essenciais em “nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”. (ROJO, 2012, p.13)

O fato é que assim como a escola, as práticas pedagógicas precisam acompanhar as mudanças tecnológicas que se apresentam atualmente, ampliando a instituição como espaço de situações discursivas, além de permitir ao educando utilizar de forma autônoma a língua tanto na modalidade oral quanto escrita. Diante disso,

[...] a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo enorme variação das mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos, na imprensa ou na internet, por vídeos e filmes, etc. (BRASIL, 2006, p. p. 29)

Vislumbrar na escola um espaço para o desenvolvimento dessas práticas significa permitir ao educando se reconhecer como agente em formação e em transformação. Essas práticas perpassam por um processo dinâmico, de trocas de conhecimentos a partir dos diferentes modos de multiletramento presentes nesse contexto.

É inegável que o advento e a popularização da internet ampliaram as formas de acesso e de construção do saber, como também não adjectivá-la com todos os méritos ou fracassos encontrados no fazer pedagógico.

A necessidade de discussão plausível da pedagogia dos multiletramentos faz-se necessária à medida que a escola ofereça ao professor as possibilidades e a liberdade de trabalho por meio das tecnologias, das mais atuais, como o acesso à internet àquelas menos utilizadas, como é o caso do vídeo, que doravante ganhou uma nova roupagem

por meio da ferramenta *Youtube* e, nesse contexto “abrange os letramentos da letra e também os letramentos da imagem e do som” (ROJO, 2013, p. 8).

A questão dos multiletramentos está ligada às multimodalidades que o professor deve vivenciar nas suas práticas. No contexto dessa pedagogia, não cabe mais a ele apenas ensinar, mas mediar o conhecimento, orientar e analisar as aprendizagens, possibilitar ao aluno questionamentos, reflexões e as “práticas de linguagem que o levem a formar-se para o mundo do trabalho e para a cidadania com respeito pelas diferenças no modo de agir e de fazer sentido” (BRASIL, 2006, p. 29).

A realização do trabalho com a pedagogia em questão não deve ser responsabilidade do professor de língua materna, tampouco, sobrecarregá-lo, precisa ser um exercício que se concretize na ação conjunta docente, dado que o “letramento da letra não deve ser desconsiderado, pois é óbvio que o aluno precisa não só ser alfabetizado, como lidar com os textos escritos” (ROJO, 2013, p. 10).

A multimodalidade nos gêneros textuais atuais ainda não recebe a devida atenção por parte do professor, talvez seja mais cômodo para ele trabalhar apenas com uma única modalidade textual, o texto impresso. Assevera-se, ainda que o trabalho com essa nova modalidade (texto, imagem, som, *hiperlinks*, conectividade) requer do educador um planejamento reflexivo que permitirá ao aluno a capacidade de aprender e potencializar os conhecimentos já construídos.

As mudanças requerem do professor uma nova postura frente à leitura de mundo atualmente, por isso, a necessidade de um processo formativo docente prático. Não basta apenas ao educador ir à sala de aula, mas questiona-se como enxerga as demais linguagens que estão além desse ambiente, o que chama a atenção é o trabalho com os gêneros e como este se adapta às novas propostas e aos conhecimentos construídos pelos alunos além da escola, há, portanto a necessidade de considerar e valorizar a realidade na qual a escola e seus agentes estão inseridos.

A pedagogia dos multiletramentos não veio contrapor as ações docentes, mas, contribuir nas suas sistematizações; as novas tecnologias digitais veem mudando nossos hábitos tanto pessoais quanto institucionais, isso é fato, principalmente, nas formas de

ensinar e aprender, além de interativa, a aprendizagem, assegura-se também que é colaborativa.

É indispensável um ensino de língua portuguesa que desenvolva um processo de leitura/escrita em que o aprendiz se coloque como leitor crítico e autônomo, um processo cujas atividades ultrapassem uma prática de mera decodificação verbal, para privilegiarem a compreensão dos textos segundo o caráter responsivo da linguagem e do discurso. (PASQUOTTE-VIEIRA; SILVA; ALENCAR, 2012, p. 181)

No aprendizado, sobretudo, no ensino de língua materna mediante as diferentes formas em que os gêneros textuais se apresentam, fica esclarecido compreender o que asseguram os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio ao afirmarem que o ensino de língua portuguesa, doravante, precisa ser capaz de desenvolver no aluno:

[...] seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua concepção de leitor efeito dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho. (BRASIL, 2002, p. 55)

Refletindo a partir do documento evidenciado, pressupõe-se que o ensino de língua portuguesa haja a criação e a adaptação de estratégias capazes de levar o aluno não só a utilizar a tecnologia digital disponível, mas fazer com que ele se perceba como agente de transformação imbuído de seu processo de aprendizagem.

Como as práticas educativas não são concretizadas na solidão de teorias isoladas é fundamental que aconteça um diálogo aproximante entre aquele que media e analisa o conhecimento e o que questiona por meio dos recursos, das condições e das intervenções oferecidos. Embora já tenha afirmado que não apenas tarefa do professor de língua materna, mas de um conjunto, cabe ao docente de língua portuguesa:

[...] tratar os textos levando em conta outros aspectos, como o som e a imagem. Para isso, ele precisa começar a refletir sobre isso e conhecer mais sobre semiótica. Outra coisa que muda é a redefinição do lugar docente. Ele passa a ter acentuadamente a postura de mediador, pois ele não informa mais [...]. O saber se democratizou. O lugar do professor é de um analista crítico desses saberes, que constrói filtros éticos e estéticos e amplia as buscas pelo saber. (ROJO, 2013, p. 10)

O que muda com essa ótica não são os textos, tampouco, sua função social, mas a forma como são apresentados aos estudantes, os objetivos continuam os mesmos: fazer com que os aprendentes infiram saberes a partir da interpretação e da apropriação do trabalho com os gêneros. A escrita também não muda, pois, acredita-se que é função da escola ensinar a escrever correto, assim como se expressar de acordo com o grupo social.

A função do professor também não mudou e jamais será transmutada: ensinar e formar para a vida, o que vem sendo deslocado são apenas algumas atitudes docentes, isto é, o professor é capaz de aprender também com os alunos, principalmente, no que diz respeito ao manuseio com a tecnologia, porém cabe, ainda, e sempre, caberá a ele, avaliar e fazer as ponderações necessárias. Há, portanto uma designação nas formas de ensinar sem desconsiderar a heterogeneidade e o ritmo de aprendizagem discente.

A compreensão dos letramentos está, em boa medida, articulada a outras designações que apontam para práticas sociais e de linguagem heterogêneas, assim denominadas de multiletramentos, letramentos multimidiáticos e multissemióticos. Essa profusão de conceitos importantes para as práticas de leitura e escrita em diversos contextos sociais. (ALVES MIGUEL et al, 2012, p. 215)

Os letramentos são múltiplos, como também se tem atribuído ao professor inúmeras funções, porém a educação do futuro só será concretizada quando professores e alunos puderem dialogar a partir de uma mesma estética, imbuídos de uma educação linguística que não desconsidere os avanços científicos em prol da ampliação das aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as práticas escolares precisam de uma readaptação, pois essas práticas não podem ser entendidas como ações ultrapassadas, mas como propostas que se reinventam e despertam na formação dos profissionais a sua função social, o querer ir além.

Não se sabe até que ponto as tecnologias são vistas positiva ou negativamente, porém uma coisa é certa: elas estão no espaço escolar e fora dele para serem utilizadas desde que haja um planejamento reflexivo sobre os impactos que podem causar ou não

nas aprendizagens, por isso, a escola também não pode se mostrar alheia às mudanças ocorrentes em detrimento das inovações que se apresentam a todo instante.

As formas de adquirir ou ter acesso ao conhecimento veem sofrendo modificação, logo, cabe à escola repensar de que forma as estratégias metodológicas desenvolvidas podem dialogar com essas transformações. Do processo de letramento às práticas multiletradas, professores e alunos, ainda continuam sendo os grandes agentes nessa conjuntura de mudanças, reconhecendo-se que ambos podem aprender e reaprender juntos.

Partindo desse pressuposto, compreende-se que a pedagogia dos multiletramentos inserida nas práticas docentes tem apenas o objetivo de contribuir com as aprendizagens, de possibilitar que o professor assuma a função de mediador, analista e avaliador do conhecimento que se constrói na escola e fora dela.

Em síntese, espera-se, que as provocações incitadas e as reflexões propostas durante este trabalho possam contribuir o processo de ensino e aprendizagem, compreendendo que a pedagogia dos multiletramentos veio para enriquecer as ações docentes e que o professor possa continuamente formar-se e informar-se para atender na complexidade do processo educacional, contemplar a diversidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES MIGUEL, E. [et al]. As múltiplas faces do Brasil em curta metragem: a construção do protagonismo juvenil. In: ROJO, R; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BRASIL. **PC_+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos PC_na área de linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2002.

_____. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

MAMEDE-NEVES, M. A; RIBEIRO, F. N. Jovens e mestres em rede. In: FANTIN, M; RIVOLTELLA, P. C. (Orgs.). **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradição de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. rev. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PASQUOTTE-VIEIRA, E. A; SILVA, F. D. S; ALENCAR. Canção roda-viva: da leitura às leituras. In: ROJO, R; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. Outras maneiras de ler o mundo. In: **Educação no Século XXI**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. Disponível em <<http://www.ead.unb.br/arquivos/livros/multiletramentos.pdf> > Acesso em mar. 2015.

SOBRE O AUTOR:

Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Docência da Língua Inglesa pela AVM Faculdade Integrada. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Mestrando em Letras no Instituto de Linguísticas, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) em Marabá – PA. Tutor presencial da licenciatura em Letras/ Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA)/ Universidade Aberta do Brasil (UAB) em Parauapebas e professor de língua portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles.